

Compromisso acadêmico-político para discutir a escola, sua reconfiguração, seus atores e seus determinantes

Resenha: ABRAMOWICZ, Anete; ARROYO, Miguel. *A reconfiguração da Escola – entre a negação e a afirmação de direitos*. Campinas: Papirus, 2009. 160 p. Coleção Papirus Educação. ISBN: 8530808967.

AGUILAR, Luis Enrique

Resenhar o livro organizado por Anete Abramowicz e Miguel Arroyo é um privilégio sem igual, e por isso afirmo que devemos ler este conjunto organizado de perspectivas que buscam decifrar o fracasso escolar de crianças.

O caráter *atemporal* do fracasso escolar faz com que a escolha desta temática pelos autores e organizadores seja extremamente oportuna, pois exibe uma preocupação genuína de analisar e intervir que é também atemporal. Essa preocupação mostra, tanto na escolha das apresentações dos autores como na própria estrutura do livro, o compromisso acadêmico-político indispensável para se discutir a escola, sua reconfiguração, seus atores e seus determinantes.

Por que as crianças não apreendem? A resposta que o livro apresenta percorre o espaço das análises, bem como as intervenções, pois a presença permanente do fracasso escolar exige, cada vez mais, respostas e soluções urgentes.

A arquitetura do livro nos coloca inicialmente frente a uma visão da *Construção social do fracasso escolar* (Bernard Charlot) que articula o discurso social e as mediações da mídia para compreender o processo de construção na relação entre alunos, escola, qualidade e saber. É valiosa a noção de processo histórico na análise do fracasso escolar, bem como seu contraponto com o êxito, assim como também são valiosas as releituras sociológicas, didáticas e pedagógicas, especialmente as que remetem à *Apropriação de saberes. As políticas, ações e desempenho*

escolar (Bernardete Gatti) reúnem as preocupações educacionais *brasileiras* numa visão do fracasso escolar a partir dos efeitos das políticas de avaliação dos sistemas nacional, estadual e municipal.

Parece inegável reconhecer que os efeitos da divulgação das informações sobre desempenho escolar tiveram e têm um impacto que a cada ano cresce em importância individual e institucional, decorrendo disto que na extensa geografia brasileira comecem a se contar experiências municipais e estaduais de sucesso na tentativa de compreender, propor e implantar soluções a esta problemática. Já *a Escola sul-africana entre a aprovação para todos e seleção da elite* (Claude Carpentier) conduz a reflexão para a transcendência do significado da luta pela desigualdade herdada do *apartheid* no contexto da transição política da primeira metade dos anos 90. A contribuição deste texto nos leva à compreensão das contradições da avaliação (*certificate*), seletividade e exclusão do sistema educacional sul-africano e fundamentalmente da realidade das desigualdades e assimetrias regionais (*provinciais*), que são não apenas desigualdades educacionais, mas também, e especialmente, desigualdades sociais e raciais acumuladas ao longo da história e que se refletem em resultados igualmente decepcionantes, quando analisados sob o ponto de vista comparativo no contexto geral.

Para analisar a importância significativa dos “espaços virtuais de aprendizagem profissional da do-

cência (como estratégia superadora do fracasso escolar) e suas contribuições para as aprendizagens de alunos da educação básica” (Aline M. de M.R. Reali e Maria da Graça N. Mizukami), deve ser reconhecido o valor significativo como desenvolvimento essencialmente profissional. Ainda neste texto, as preocupações com a aprendizagem dos alunos se vinculam à aprendizagem dos professores, e ambas se entrecruzam com inúmeros repertórios de políticas de capacitação docente em redes educacionais que aglutinam e raramente integram docentes com experiências docentes de extremas diversidades e trajetórias. Nas comunidades de docentes talvez esteja um recurso inovador e superador das costumeiras ondas de qualificação de docentes como estratégia única.

Encerram esta arquitetura, que busca compreender o fracasso escolar e sua *pluri*-determinação, dois textos fundamentais. No primeiro, a abordagem sobre o “*Fracasso escolar na sociedade de controle*”, (Anete Abramovicz, Tatiane Cosentino Rodrigues e Ana Cristina Juvenal da Cruz), mais uma década após a publicação do reconhecido livro *Para além do fracasso escolar*. A abordagem permite que o leitor afiance todo um panorama desenhado pelos caminhos da desigualdade social e cultural, sem desvincular a relação direta que se evidencia entre origem social e *performance*. Parece importante observar que a cronologia da atualidade do debate sobre fracasso escolar irá progressivamente assumindo a sintonia das mudanças políticas e ideológicas no país, e isto explica também a

relevância que assumiria o fracasso escolar tanto do ponto de vista estatístico, avaliativo, profissional, individual, institucional e fundamentalmente racial. Essa reflexão de percurso temporal mostra novos vetores de análise que se (re)configurariam durante os últimos 20 anos.

Outro texto desenvolve uma reflexão profunda como resposta à pergunta instigante quanto ao presente (e especialmente o futuro ameaçado) do “*direito à educação em contextos de segregação e resistência social e escolar*” (Miguel Arroyo). Este texto possui a peculiaridade da denúncia, e alerta o leitor, ao convidá-lo (também) a fazer o percurso que escolas, professores e alunos fazem a partir dos anos 90 nas redes municipais e estaduais do Brasil. Isto, do ponto de vista cronológico, exhibe com nitidez os contornos da relação entre políticas e efeitos diretos sobre *percursos* de segregação educacional. A urgência do autor em politizar a reprovação, olhar a repolitização dos mecanismos de avaliação e analisar as avaliações e seus efeitos como Políticas de Estado é legítima e chama a atenção para a avaliação dos ainda não civilizados, bem como para a importância de (re)significar politicamente a *avaliação-segregação*.

Finalmente, este sólido conjunto de reflexões deixa uma mensagem: repolitizar impõe deter por um instante o incessante ritmo dos mecanismos classificatórios, *ranqueadores* e comparativos de instituições e pessoas. É fundamental *nos determos* para nos *enxergarmos* como um exercício de afirmação de direitos.

Luis Enrique Aguilar é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: <luis.aguilar@merconet.com.br>.

Recebido para avaliação em outubro de 2010.
Aprovado para publicação em dezembro de 2010.